



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A IMAGINAÇÃO TORNA-SE REALIDADE:
O PROCESSO CRIATIVO DA MÚSICA NA INFÂNCIA**

THIAGO CÉSAR VAZ DE SOUSA

Brasília, março de 2013.

THIAGO CÉSAR VAZ DE SOUSA

**A IMAGINAÇÃO TORNA-SE REALIDADE:
O PROCESSO CRIATIVO DA MÚSICA NA INFÂNCIA**

Projeto de Monografia apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Dr^a Patrícia Lima
Martins Pederiva

Brasília, março de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva (UnB - FE)
Orientadora e Examinadora

Andreia Martinez (UnB - FE)

Edson Martinez (UnB - FE)

Milena Pimenta de Souza (UnB - FE)
Suplente

Dedico esse trabalho especialmente à pessoa que amo muito Mayara Medeiros, que mudou meu viver e me fez sonhar, imaginar e criar. Dedico a todos os sonhadores que, com sua imaginação, cria e transforma o mundo e as almas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu grande e amado Deus por ter me dado a vida, a paciência, o amor e os momentos de conversas, adorações, choros e abraços.

Aos meus amigos que nunca me deixaram desistir e principalmente a minha família, que me amou, educou e mostrou o caminho a seguir.

Agradeço a minha Menininha, que me escutou e me guiou e me transformou em uma pessoa melhor durante todo esse tempo. Me fez alegre, enxugou minhas lágrimas e me levou ao seu coração.

Agradeço a todos os professores que com muito amor me ajudaram a entender que sou um eterno aprendiz.

Especial e eterno agradecimento às professoras Patrícia Pederiva e a Fernanda Muller, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que me ajudaram a vivenciar experiências inesquecíveis de teoria e prática, amor e carinho, no curso de Pedagogia.

RESUMO

O presente trabalho surgiu como resultado dos Projetos 3 e 4 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, no curso de pedagogia, desenvolvidos na área da Educação Infantil e de Atividades musicais. A partir desses projetos, houve questionamentos sobre o processo de criação das crianças e o começo das pesquisas. O método utilizado foi a pesquisa-ação aplicada nas classes de Educação Infantil, desenvolvendo atividades musicais para a observação desse processo de criação na infância. O trabalho visou buscar um pouco da história da Infância e da Educação Infantil no mundo e no Brasil e a responder esse questionamento através do diálogo com as teorias de Vigotski (2009) a luz de sua obra *Imaginação e Criação na infância*. O imaginar é o começo do ato de criar e isso está em nossas vidas, sem imaginação não há a criação, não há criatividade.

Palavras chaves: atividade musical, criação, educação infantil, imaginação, infância.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
SUMÁRIO	7
MEMORIAL	8
INTRODUÇÃO	10
Capítulo I: 1.1 - Uma breve história da infância, da criança e da Educação Infantil	13
1.2 - Educação Infantil no Brasil.....	18
Capítulo II: 2.1 - A Imaginação, a Criatividade e a infância.....	23
2.2 - Imaginação e Criação na infância, um estudo de Vigotski.	25
2.3 - Nas crianças	29
Capítulo III: 3.1 - As descobertas mútuas, o imaginar e o criar em ação.....	32
3.2 - Atividades Musicais: O início das descobertas.....	34
3.3 - O Dó, Ré, Mi criativo	38
3.4 - Um dia.....	40
3.5 - A novidade.....	41
3.6 - A Composição e os Ritmos.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

MEMORIAL

A UnB não foi um sonho para mim como foi o de muitos amigos meus na época. Antes de estudar na Universidade de Brasília, cursava Administração em uma faculdade particular em Sobradinho. Era um bom curso, tirei ótimas notas no primeiro semestre, porém fiquei incomodado, pois meus pais pagavam o curso e eles tinham feito isso desde quando ingressei na vida escolar. Então, no segundo semestre do ano de 2008, desisti do curso de Administração e fui estudar para ingressar em uma universidade pública.

Sempre quis estudar história. Prestei vestibular na Universidade do Estado de Goiás (UEG) para o curso de história e também iria optar na Universidade de Brasília pelo mesmo curso, porém, acabei optando pelo curso de Pedagogia. Foi incrível, fui aprovado nos dois vestibulares. Recebi primeiramente o resultado da UEG, cheguei a fazer a matrícula para cursar história, porém, depois de alguns dias, recebi o resultado da UnB, e a escolha foi difícil. Me matriculei também na UnB. Iria cursar nas duas Universidades, Pedagogia pela manhã e História à noite. Não fiz isso, escolhi a UnB pela a excelência e qualidade de ensino, mesmo sonhando em cursar história. Não me arrependo disso. Me apaixonei pelo curso de Pedagogia.

Ao ingressar na UnB, no primeiro semestre de 2009, no curso de Pedagogia, fiquei um pouco com medo, pois era tudo diferente, mesmo tendo estudado já em uma faculdade. Fiquei muito sozinho. E sempre sonhava com o curso de História, aliás, quase me arrependendo pela escolha. Então, começaram as aulas, fiz amigos, conheci professores, conheci a Faculdade de educação (FE) e a Universidade, um universo grandioso de mentes grandiosas. Foi aí que apaixonei pelos estudos, pela filosofia, história, educação, sociologia, pela Pedagogia. No terceiro semestre do curso, encontrei com a disciplina de Fundamentos da linguagem musical na educação, ministrado pela professora doutora Patrícia Pederiva, que logo admirei. Foi então que me interessei por essa área. Meus estudos também foram guiados pela teoria histórico-social de Vigotski, a qual vários professores citavam e passavam leituras. Comprei livros e me aprofundi mais em suas ideias e também em outros teóricos que me ajudaram na caminhada acadêmica.

Ao conhecer os trabalhos com a atividade musical da professora Patrícia, quis ficar mais perto ainda. Fiz o Projeto 3, fase 1 e 2, orientado por ela. Aprendi a fazer atividades musicais, aprendi mais sobre a criança e a educação musical. Também queria aprender sobre a educação infantil, foi então que fiz a disciplina com a professora Fernanda Muller. Aprendi sobre a história da infância e da educação infantil no mundo e no Brasil, sobre a brincadeira, sobre a importância da família, da interação das crianças, sobre a escola. Com isso, comecei a enxergar o caminho para o meu trabalho final. Gostei muito da disciplina e do trabalho da professora e fui orientado por ela no Projeto 4, fase 1, chamado também de estágio supervisionado. Fiz o estágio em uma escola de educação infantil, onde vi o que tinha aprendido em sala de aula sobre a infância e a criança. Foi muito proveitoso e uma experiência única. Fiquei muito maravilhado com o desafio de ser professor. É bom frisar que todos os projetos que foram realizados com crianças despertaram em mim uma curiosidade sobre o processo criativo delas, como este se dava? As crianças eram muito criativas!

Todas as disciplinas da faculdade davam uma base bem sólida para a construção do meu ser acadêmico. No projeto 4, fase 2, orientado pela professora Patrícia Pederiva, fiz um outro estágio. Com mais maturidade e sabedoria adquirida durante esses anos no curso de pedagogia, realizei atividades musicais na Casa Ismael, na educação infantil. Coloquei em prática o que aprendi nos semestres na faculdade e aprendi novas coisas que não são ensinadas, como ser professor na prática, amar a profissão, e fazer tudo com amor e dedicação. Esse projeto trouxe vários questionamentos sobre o processo criativo da criança e também respostas. A partir daí, fiz o projeto 5, trabalho final do curso de Pedagogia, orientado pela professora Patrícia, minha mentora, que ajudou a realizar esse trabalho com muito amor e carinho.

Essa foi a minha trajetória acadêmica e, a partir dela, minhas perspectivas futuras são continuar estudando, primeiramente para ingressar em uma carreira no serviço público e, logo após, dar continuidade às pesquisas feitas nos projetos 3, 4 e 5, iniciadas no curso de pedagogia. Tenho vários sonhos e um deles é a vontade de ensinar, de ajudar as pessoas a terem uma educação digna através da qual consigam fazer suas críticas, expressar sua criatividade e realizar suas ideias e sonhos. Ajudar as pessoas a reconhecer que fazem a diferença. Isso é ensinar para mim, isso é ser Professor. E essa é minha perspectiva profissional.

INTRODUÇÃO

Como surgiu essa pesquisa? Como todas as outras, através da curiosidade e da necessidade de responder algo. Encontrei uma disciplina na faculdade, Fundamentos da Linguagem Musical na Educação. Nela percebi que a música faz parte da formação do ser humano e está presente na natureza de várias formas. Aprendi a fazer jogos musicais, onde nos mostra a percepção musical, conheci novos sons e músicas. Observei a criatividade sendo exercida em conjunto e também individualmente. Conheci pessoas e com elas expandi meu conhecimento sobre atividade musical e o aprendizado dela de uma forma diferente, despertando a criação dentro da pessoa, mostrando que todos tem a música em si. Foi a partir desses encontros na disciplina que percebi uma inquietude em mim. Como as pessoas desenvolvem a criatividade? Pois, quando crescemos, parece que vamos nos afastando desse processo criativo, tudo já vem moldado, pronto. Principalmente quando entramos na escola.

Durante esses encontros percebi a dificuldade das pessoas criarem. O processo de criar parece que se torna doloroso depois que crescemos. Algumas pessoas, durante as aulas, tinham vergonha, o que é normal, mas outras sentiam dificuldades diante do processo criador. Coisa que parece simples, como tirar som de um tambor de uma forma diferente, se torna muito complicada, principalmente diante de uma sala cheia de pessoas. A professora ajudava muito nesse processo de criação. Olha como um bom educador ajuda! Ele não agride ou força, mas ajuda no processo de criação, de aprendizagem. No final da disciplina, muitos saíram reconhecendo saber música e, além disso, acreditando que é possível ensinar música de uma forma diferente, criativa, inovadora. Isso ajudará na vida social e na construção e formação do ser cultural. Isso tudo é possível através da música, com a musicalização do ser humano. E até hoje eu me sinto assim e principalmente com um ponto de interrogação: como isso tudo acontece?

Durante esse ano procurei pesquisar sobre assuntos relacionados à criatividade na educação. Fiz leituras sobre o tema. Fiquei muito intrigado. Nesse mesmo ano, no segundo semestre de 2010, fiz o projeto 3 fase 1 e 2, com a mesma professora de Fundamentos, Patrícia Pederiva. Foi um projeto muito significativo para mim onde iniciei o que se chama pesquisa, porém não muito aprofundado. Fiz diversas leituras sobre o ensino da música e principalmente sobre alguns teóricos na área da formação humana, do ensino e aprendizagem

como Vigotski, suas ideias me ajudaram a entender alguns comportamentos durante o andar dos projetos.

Na fase 1 do projeto fomos para uma escola rural perto de Planaltina-DF. Foram alguns alunos para fazer esse projeto de musicalização. Colocamos em prática aquilo que aprendemos em Fundamentos. Nessa escola tinha crianças de várias idades. Fizemos várias atividades com eles relacionadas à música, montamos instrumentos junto com as crianças e acompanhamos o processo de criar uma canção. Foi muito bom. No último dia do projeto elas apresentaram a canção que fizeram para todos os colegas da escola. Foi uma composição com ritmo, tempo e letra que contava o que eles viviam. Então fiquei mais curioso ainda e procurei saber mais sobre o tema de ensino da música na educação infantil. Não me saía da cabeça a pergunta e a vontade de saber como se dá esse processo de criar e porque muitas vezes isso se perde quando elas chegam à fase adulta.

A fase 2 do projeto foi feita na Casa Ismael. Foi nessa fase que tive a certeza de que iria pesquisar sobre o processo de criação da criança. O projeto foi feito com crianças de 4 a 6 seis anos de idade no jardim de infância dessa instituição. Fomos realizar atividades musicais. Adquiri muito conhecimento com as crianças. Não sei como elas fazem isso, mas a imaginação delas é incrível e nos faz sonhar. Aprendiam brincando, sorrindo, era incrível. Levei meu violão alguns dias durante o projeto e elas ficavam curiosas. Quando eu tocava o violão, todos os rostos se alegravam. A música toca nos sentimentos das pessoas de todas as idades. E com as crianças parecia que tocava bem mais profundo. Elas expressavam com o corpo, mente e palavras. Muito bom! Cantavam muito, brincavam e aprendiam em conjunto, em grupo. O grupo era muito importante para a formação delas durante esse projeto. Criavam as brincadeiras juntas e outros jogos. A imaginação, o grupo, a criação, foi tudo isso que me chamou a atenção nesse projeto.

Logo após veio o projeto 4 fase 1 e 2, que fiz mesclado. A primeira era um estágio na Educação Infantil e foi quando conheci mais a criança. Quem era essa criança, seus comportamentos na escola, família, com outras crianças, os sentimentos, o processo de criação de brincadeiras, imaginação e os professores dessa modalidade de ensino? Fui para sala de aula e observei a criança e o seu mundo na escola. Foi uma experiência que me ajudou muito, preenchendo algumas lacunas que tive nos projetos anteriores. Obtive uma compreensão maior sobre a criança e isso foi fundamental para que eu fizesse o estágio na Casa Ismael, que foi o Projeto 4 fase 2, que será analisado no terceiro capítulo desse trabalho.

Foi a partir de tudo que cheguei nesse objeto de pesquisa, ou seja, como acontece esse processo de criação e imaginação da criança? Como elas se utilizam dessa criação e imaginação na educação musical? Por que os professores parecem não aproveitar isso? E por que não proporcionam atividades que desenvolvam a criação na educação das crianças, jovens e adultos?

Assim, a partir disso, o primeiro capítulo deste trabalho será sobre a história da infância e da Educação infantil. O segundo capítulo conta sobre o processo criativo, a Imaginação e Criação segundo a teoria de Vigotski, como se dá esse processo, e o último capítulo é o desenvolvimento de atividades musicais, mostrando um diálogo com a teoria de Vigotski na sua obra Imaginação e Criação e as atividades feitas pelas crianças na Casa de Ismael.

Capítulo I: 1.1 - Uma breve história da infância, da criança e da Educação Infantil

Este capítulo visa contar um pouco da história da infância, de quando surgiu o sentimento de infância e a necessidade do cuidado em relação a criança, perpassando as leis e os direitos, até chegar a constituição de uma etapa específica para a criança, a Educação Infantil.

A história da infância tem os seus registros e estudos relativamente novos. A busca por entender esse universo construído em um processo social e educativo vem sendo objeto de estudo de pesquisadores. Tais estudos tratam do olhar do adulto para a criança, e da importância que hoje damos a elas, do cuidado e carinho e, de um preparo educativo tanto na família como na escola para o ingresso na sociedade, mas ainda, como vários estudos, restam questionamentos a serem estudados como: Será que o olhar do adulto para a criança é capaz de mostrá-la como ela realmente é? Será que temos e as novas pesquisas têm também perguntado às crianças quem elas são? Será que nosso olhar para a criança tem sido um olhar de quem realmente a reconhece como importante?

Alguns estudos mostram que a criança sempre existiu na história da humanidade, mas o sentimento de infância, que são os tipos de olhares voltados para a criança, de preocupação com ela e o investimento dos adultos para o cuidado e criação, são ideias que surgiram com a Modernidade. A criança não era importante dentro da sociedade, elas eram consideradas seres inferiores como as mulheres e os escravos e, isso, desde a antiguidade (Ariès 1981). Também eram tratadas como uma coisa qualquer, não tinham um lugar específico e, quando nasciam, não se sabia qual seria o seu papel. Tinha que esperar crescer, chegar à juventude. É entre século XII e XIII, em que a descoberta da infância e um olhar para a criança, começou a surgir. No século XVII o sentimento de infância se tornou mais forte. O olhar mais cuidadoso com a criança e o interesse por ela crescia. A partir desse período, alguns pintores retratavam esses pequeninos seres em seus quadros, sozinhas ou em grupos, e esses quadros se tornaram numerosos e comuns. Foi nesse século que os retratos de família começaram a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro dessa composição (Ariès 1981).

Durante a Idade Média, as crianças e os adultos conviviam nos mesmos lugares e situações, fossem nas famílias, no trabalho ou em festas. Na sociedade medieval não havia a

divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida ou de fases da vida (Ariès, 1981). Pode-se afirmar que foi na Idade Média que as “Idades da Vida”, como cita Ariès (1981), começaram a ter importância. Durante este período histórico, seis etapas de vida eram consideradas. As três primeiras, que correspondem à primeira idade que é do nascimento até os 7 anos, a segunda idade dos 7 aos 14 anos e a terceira idade dos 14 aos 21 anos. Essas eram etapas que não eram valorizadas na sociedade. Também havia, naquela época, a quarta idade, chamada de juventude que era dos 21 aos 45 anos, em que as pessoas começavam a ser reconhecidas no meio social. Na quinta idade, depois dos 45 anos, a pessoa não era considerada velha, porém já tinha passado pela juventude. Essa fase era chamada de senectude. Por fim, a sexta idade chamada de velhice, que ia dos 70 anos até a morte. Tais etapas alimentavam, desde esta época, a ideia de uma vida dividida em fases.

Pode-se notar que, nesse período, nada era voltado para a infância, para a criança. A pessoa começava a ser considerada como tal, na juventude, em que se encontrava na plenitude de suas forças, pois conseguia ajudar-se e ajudar os outros. Nessa época, a criança para chegar à fase da juventude, tinha que ter sorte, pois a morte era a mais certa de acontecer. As taxas de mortalidade de crianças eram grandes pela falta de cuidado dos adultos e, pelas condições precárias durante o parto. A sociedade não se importava em ter muitas crianças morrendo, pois quando uma morria, nascia outra mais tarde para substituir. Essa era a mentalidade europeia daquela época e de quase todo o restante do mundo.

Posteriormente, começou-se a olhar mais para esse ser pequeno que é a criança e a dar uma importância para ela na sociedade. No século XVII começou a brotar um sutil sentimento de infância. Esse sentimento teve seu crescimento depois que alguns pintores retrataram crianças em seus quadros. Mais tarde, nesses mesmos quadros, aparecia a família só que agora, com a criança como o centro, o núcleo da família. “Cada família agora queria possuir retratos de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura: o sentimento não mudou” (Ariès, 1981, p.61).

As famílias começaram a dar mais importância para suas crianças, cuidar delas. Surgia esse sentimento de infância. Os adultos começaram a tratar as crianças como se fossem seus brinquedos, algo para se divertirem. As vestiam com as mesmas roupas dos adultos, só que em versão menor. Pareciam homens e mulheres em miniaturas e as famílias achavam graça

nisso tudo. Então veio esses dois sentimentos que Ariès (1981) nos narra: a paparicação e a moralização. Para o autor o sentimento chamado de paparicação é definido dessa forma: “Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto” (1981, p.158). Essa paparicação era feita, originalmente, pelas pessoas que cuidavam das crianças, ama de leite ou as próprias mães, ou seja, eram feitas por mulheres. Elas educavam, ensinavam a falar suas primeiras palavras, carregavam no colo para acalmar quando estavam chorando, entre outros cuidados.

Esse era o trabalho feito por essas mulheres que cuidavam de crianças e, com esse cuidado, elas as tratavam com tanta delicadeza e viam tanta graciosidade nelas, que nascia o sentimento de “paparicação”. Esse sentimento foi crescendo e se espalhando pela sociedade. A graciosidade e ingenuidade da criança foram conquistando as pessoas. O modo de a criança receber o pai, com carinho nos rosto, beijos e abraços, depois de um grande dia de trabalho, o jeito das crianças tratarem os outros com delicadeza e com uma fala “deficiente”, balbuciando palavras, no modo de andar... Tudo isso encantava os adultos, que as “paparicavam”, crescendo o amor e o cuidado com elas. A mortalidade também começou a cair, pois os adultos começavam a cuidar de suas crianças e achavam um horror deixá-las morrerem.

Aquilo que não era importante para a sociedade começou a crescer e a tomar uma importância tão grande que até despertou sentimentos inversos a essa situação. Ariès (1981) cita em sua obra que algumas pessoas não aceitaram isso muito bem, achavam insuportável a atenção que muitos estavam dando às crianças. Esse era o sentimento também novo, o negativo da “paparicação”. Esse sentimento de “paparicação” só era mantido quando a criança era bem pequena. Depois que elas paravam de fazer sorrir os adultos, seus pais e familiares, ela era deixada de lado. Então, surgiu outro sentimento da infância, entre os moralistas e os educadores, a moralização. Este sentimento estava ligado à formação do caráter da criança. Depois das pessoas as tratarem como uma “diversão”, esse sentimento da infância passa a tratar da moral e da mentalidade. Como ficaria a criança depois de tanta paparicação? Não se sabia, pois essa moralização veio criticando esse outro sentimento da infância, mostrando que a criança tinha que ser educada. Objetivava a formação de homens racionais e cristãos e, para isso, “tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos educativos” (Ariès, 1981, p.163). Esse sentimento da infância inspirou toda educação até o século XX, nas cidades e campos, na burguesia e no povo.

Os dois sentimentos foram importantes para o que temos hoje sobre infância. O primeiro, a “paparicação” surgiu no leito familiar, na companhia das criancinhas pequenininhas. O segundo, a moralização, veio de uma fonte externa à família, veio com os eclesiásticos e moralistas, que se importavam com a disciplina e racionalidade dos costumes. E ainda, os moralistas não aceitavam muito bem o primeiro sentimento de “paparicação”, pois achavam que as crianças não eram “brinquedos”, mas criação de Deus, “esses moralistas haviam-se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passou para a vida familiar” (Ariès, 1981 p.164).

Nesse período, a Europa estava passando por revoluções que mudariam o mundo, a Revolução Francesa e a Inglesa. Foram acontecimentos históricos que transformaram o modo da sociedade se organizar. Essas revoluções foram chamadas por alguns estudiosos de “Revolução Industrial. Os trabalhadores que vendiam suas forças para as fábricas exerciam suas atividades como se fossem escravos, trabalhavam muito e ganhavam pouco e, todos os membros da família também participavam dia e noite para ganharem um pouco a mais. Ganhavam para tentar comprar o que comer e sobreviverem nessa nova organização social que crescia.

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias, que estavam tendo outra forma de organização. A pobreza também crescia, pois muitos deixavam seus lares nos campos para trabalharem nas grandes fábricas que se localizavam nos grandes centros das cidades, mas não tinham local para morar e, muitas vezes, ficavam nas ruas. Eram tratados como se fossem escravos e chamados "proletariado", uma nova classe que surgia nessa organização de sociedade que se estenderia pelo mundo todo. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos e utilizavam as conhecidas mães não operárias para cuidarem de suas crianças. Segundo Paschoal e Machado (2009) essas mulheres, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras.

Mesmo com o trabalho dessas mães não operárias, muitas crianças ficavam abandonadas pelas ruas e a sociedade reclamava muito, principalmente a alta burguesia. Algumas pessoas resolveram tomar para si a tarefa de acolher as crianças desvalidas que se encontravam nas ruas e a sociedade agradecia, pois achavam que as ruas ficariam mais limpas

ao retirar a pobreza e a bagunça delas. Foram criadas assim as primeiras instituições com caráter de cuidar e proteger as crianças enquanto as mães saíam para trabalhar.

As primeiras instituições que surgiam na Europa e nos Estados Unidos tiveram no início o objetivo de alimentar, higienizar, guardar e ter cuidados físicos com as crianças (Paschoal; Machado, 2009). Além desse caráter assistencialista e de custódia, essas instituições também tinham caráter educativo. As primeiras intenções pedagógicas nas instituições no final do século XVIII começaram com a criação da escola de principiantes ou escola de tricotar em 1769, na França, idealizada por Friedrich Oberlin. A instituição ensinava bons hábitos, aprender obediência, sinceridade, bondade, além de pronunciar bem as palavras, sílabas difíceis e assimilar noções de moral e religião (KUHLMANN, 2001). Em 1771 essa instituição ofereceu outros diversos tipos de atividades entre elas aulas de ciências, matemática, canto, língua francesa.

Como afirma Kuhlmann (2001, p. 07), “a sala de asilo francesa, desde os primeiros textos oficiais, foi concebida sob uma perspectiva de prover cuidados e educação moral e intelectual às crianças” e essa sala se tornou referencia na Europa e atendia os mesmos objetivos, cuidar das crianças proporcionando atividades, enquanto os pais trabalhavam.

Na Escócia, a escola de Robert Owen, criada no ano de 1816 em New Lanark, também é um exemplo de que essas instituições foram pensadas na perspectiva pedagógica, já que sua escola recebia crianças de dezoito meses até vinte cinco anos de idade e tinha como objetivo trabalhar lições que abordavam a natureza, exercícios de dança e de canto. Tinham materiais didáticos com um propósito educativo que possibilitavam às crianças o desenvolvimento do raciocínio e o julgamento correto diante das situações propostas pelo professor. Portugal foi considerado o lugar que tinha a melhor instituição, pois desde sua fundação ela trabalha dessa forma, com função pedagógica, além de promover os cuidados alimentares e corporais, “procuravam assegurar proteção, educação e instrução às crianças pequenas, sendo considerada à época, mais completa do que os estabelecimentos ingleses e franceses, que não teriam o objetivo de promover cuidados alimentares e corporais”. (KUHLMAN, 2001, p. 09).

Essas foram as primeiras instituições que cuidavam das crianças e as educavam enquanto os seus pais trabalhavam. Mas, o primeiro Jardim de infância foi criado em 1840, por Froebel, na Alemanha. Ele privilegiava as atividades lúdicas por perceber o significado

funcional do jogo para o desenvolvimento sensório-motor, as habilidades são aperfeiçoadas por meio de métodos lúdicos por ele inventados. O canto e a poesia são utilizados para facilitar a educação moral e religiosa e que a interação das crianças entre si já era um grande potencial educativo.

Os jardins de infância eram diferentes dos asilos franceses, Froebel tinha uma preocupação não só de educar e cuidar das crianças, mas de transformar a estrutura familiar de modo que as famílias pudessem cuidar melhor de seus filhos. Os estudos sobre os jardins de infância mostra que este modelo era mais educacional e não assistencial, como afirma Kuhlmann:

Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a que a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o Jardim de Infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternas (KUHLMANN, 2001, p. 26).

Nos meados do século XIX, cresciam as instituições destinadas à primeira infância, surgiam várias creches e Jardins de Infância por toda a Europa e em outras partes do mundo. Agora a criança estava entrando e sendo considerada parte da sociedade, com uma instituição própria e, mais tarde, leis que as tornavam cidadãs com direito e deveres. Já no Brasil, estas instituições foram criadas exclusivamente com características assistencialistas. Vejamos um pouco dessa trajetória de infância e de Educação Infantil no Brasil.

1.2 - Educação Infantil no Brasil

Como em outros lugares no mundo, a criança no Brasil era tratada da mesma forma, sem importância, deixada de lado sem cuidado com o físico e com a educação. Foi por volta do século XIX que Brasil começou a olhar para a criança, assim como toda a parte do mundo estava fazendo. Diferente dos países da Europa, as primeiras tentativas brasileiras para uma educação infantil foi com a criação de instituição de caráter assistencialista, visando às mães que trabalhavam e também aquelas que perderam seus maridos. Eram diferentes dos outros países, pois as crianças ficavam sobre o cuidado de outras pessoas sem ter aquelas atividades pedagógicas, era tudo de cunho assistencial, de proteção e cuidado.

Alguns fatores como a mortalidade infantil, que era alta naquela época, a desnutrição e acidentes domésticos com crianças, movimentaram setores da sociedade, principalmente os religiosos, para o cuidado e proteção da criança fora do âmbito familiar, “Foi por este, ou seja, com este problema, que a criança começou a ser vista pela sociedade... E com um sentimento filantrópico, criativo, assistencialista é que a criança começou a ser atendida fora da família” (DIONET, 2001, p.12).

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche (DIDONET, 2001, p. 12).

O cuidado com a criança teve o mesmo início da Europa, mas as instituições no Brasil eram de puro assistencialismo e filantropismo. Quem tinha dinheiro pagava e, provavelmente, um lugar melhor e, quem era pobre, não pagava e, provavelmente, em um lugar com condições piores. Porém, foi assim que se iniciaram as creches, que também eram chamadas de orfanatos e asilos.

Também nessa época, a maior parte da população vivia na zona rural e as famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das crianças abandonadas, geralmente fruto da exploração sexual da mulher negra e índia, pelo senhor branco. E, na área urbana, os bebês abandonados, que eram filhos de moças pertencentes à famílias de prestígio social, eram recolhidos na roda dos expostos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. A criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família que, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. Esse serviço era feito pelas Casas de Misericórdia, mantidas por instituições religiosas. O poder público não tinha participação nenhuma nesses movimentos e essas creches e outras instituições foram todas criadas exclusivamente por organizações filantrópicas (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Devemos esclarecer que no contexto histórico que vem sendo abordado, há diferença entre creche e pré-escola. Segundo Kuhlmann:

O jardim de infância, criado por Froebel, seria a instituição educativa por excelência, enquanto a creche e as escolas maternas – ou qualquer outro nome dado à instituição com características semelhantes às Salles d’ asile francesa – seriam assistências e não educariam para a emancipação, mas à subordinação (2001, p. 73).

Então, no Brasil ainda não se tinha uma característica pedagógica, educativa. Porém, em 1875, na cidade do Rio de Janeiro, formou-se o primeiro jardim de infância privado no país criado pelo médico Joaquim José Menezes Vieira, no Colégio Menezes Vieira. Ela foi construída no bairro mais caro da cidade, com amplo espaço físico e instalado exclusivamente para servir à elite. Eram aceitas só crianças do sexo masculino. Segundo Bastos:

Em 1875 instala, juntamente com sua esposa, D. Carlota de Menezes Vieira, um jardim de crianças no Colégio Menezes Vieira, situado na rua dos Inválidos, nº. 26, em um dos melhores bairros da cidade do Rio de Janeiro, com ótimas instalações – um pavilhão hexagonal, especialmente construído no centro do jardim, com ar e luz por quatro janelas. O jardim tem por objetivo servir uma clientela de elite, atendendo a crianças do sexo masculino, de 3 a 6 anos, que se iniciam em atividades relacionadas à ginástica, à pintura, ao desenho, aos exercícios de linguagem e de cálculo, escrita, leitura, história, geografia e religião (2001, p.32).

Este jardim de infância seguia as ideias de Froebel com o método intuitivo com desenvolvimento da percepção direta e experimental das crianças, “tratava-se de europeizar o modo de vida, por meio de um programa que imitasse os cantos e os jogos das salas de asilo francesas” (KUHLMANN, 2001, p.16). De acordo com o mesmo autor, em 1896 no Estado de São Paulo, o governador da época, Bernardino de Campos, criou o primeiro jardim de infância público do Brasil, chamado de Jardim da Infância Caetano de Campos. Embora esse jardim de infância tenha sido público, a elite foi favorecida ao ter prioridade nas matrículas de modo que essa escola durante muitos anos foi considerada modelo e frequentada prioritariamente pelas crianças da elite paulistana. Apesar de ser uma escola pública, ela não servia a toda população.

Foi então, no final do século XIX e no início do século XX, que os pensadores brasileiros aproveitaram essas instituições para educar, emancipar, ensinar crianças e dar início à experiências pedagógicas que aconteciam em toda a Europa e nos Estados Unidos. Por meio das ideias desses teóricos, dentre outros, e pelo avanço da sociedade industrial, começou o movimento da Escola Nova, tendo como principais autores Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, em uma época de conflitos entre os adeptos da escola renovadora e os católicos conservadores, que detinham o monopólio da educação elitista e tradicional. Como o país estava passando por um processo de industrialização muito forte, de avanços tecnológicos, médicos e científicos, alguns educadores desenvolveram uma forma da educação acompanhar esses processos e o movimento Escola Nova surgia nesse aspecto, “O movimento educacional conhecido como Escola Nova surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias” (SANTOS; PRESTES; VALE, 2006, p.132).

Anísio Teixeira, um dos idealizadores desse movimento Escola Nova, trouxe ideias que estavam sendo utilizadas em outros países, como Inglaterra, França e principalmente os Estados Unidos, em que seguiu as concepções de John Dewey, um escolanovista americano que acreditava que a educação era único meio efetivo para a construção de uma sociedade democrática. Teixeira teve aulas com Dewey na década de 20 e, foi um dos importantes seguidores dele no Brasil. Com o desenvolvimento da sociedade e suas várias transformações, Anísio entendia a escola como um lugar que chamava a inserir na sociedade indivíduos aptos a agir segundo os princípios da própria liberdade e da responsabilidade diante da coletividade.

Quer-se adotar o novo modelo de escola e de educação. Creu-se no ideário do movimento de Dewey, na sua proposta de uma escola centrada na atividade, na produtividade e na democracia, tudo associado, a seu jeito, com liberdade do indivíduo e direito de escolha que levariam a dar contribuições para a comunidade. Aportes pragmáticos que permitiriam instaurar a solidariedade social, a inteligente e perfeita comunicação entre os membros que ansiavam transformar a ‘Grande Sociedade’ na ‘Grande Comunidade’. (SANTOS; PRESTES; VALE, 2006, p.135)

Depois de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, outro grande idealizador desse movimento e amigo de longa data de Anísio, escreveu uma importante obra que mudou o rumo da educação brasileira, *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: A reconstrução educacional no Brasil*, publicada em 1932. Neste documento foram propostas várias soluções que a educação no Brasil iria adotar gradativamente, como: a educação deve ser

essencialmente obrigatória, pública, leiga, gratuita e sem qualquer segregação de cor, sexo ou tipo de estudo, e desenvolver-se em estreita vinculação com as comunidades; ela deve ser única e com vários graus articulados que atendam as várias fases do crescimento humano, embora única, irá pautar-se sobre as bases e princípios do Governo Federal e as escolas devem se adaptar às características das regiões em que estiverem localizadas (SANTOS; PRESTES; VALE, 2006).

Este movimento transformou a educação brasileira. Trouxe escolas públicas, deu atenção às crianças, com ensino e cuidado, inserindo uma prática pedagógica nova, em que o aluno era o centro e o professor o facilitador, provocador de curiosidade e aprendizagem. Foram criadas leis e direitos que inseriram as crianças e a educação infantil, que foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, artigo 23, apontando a criação de jardins de infância, destinada aos menores de sete anos, no Plano de Assistência ao Pré-escolar-PAPE, sob a influência do Fundo Nacional da União para a Infância e Adolescência.

A partir de então, depois de várias transformações no país, principalmente a instauração da ditadura militar, pausando esse processo pelo qual a educação estava passando, na década de 1970, o modelo de educação infantil adotado foi um modelo voltado para a educação da camada popular menos favorecida e ela só passou a fazer parte da Educação Básica Nacional, após 1988, com a Constituição Federal/88, Art. 208, que determina o dever do Estado com a educação, e em especial a infantil, que será efetivada mediante a garantia de atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos. Este foi o grande marco na história da educação brasileira. Podemos citar umas das leis mais recentes que apoia a infância no Brasil, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente, que reforça muito a importância da infância e da juventude, garantindo que todas as crianças e adolescentes, independentemente de cor, etnia ou classe social, sejam tratados como pessoas que precisam de atenção, educação, proteção e cuidados especiais.

O Brasil ainda tem muito a se desenvolver, buscando uma identidade própria para a educação infantil, escrevendo mais um capítulo da história da educação, descobrindo e tentando compreender a criança e a infância.

Capítulo II: 2.1 - A Imaginação, a Criatividade e a infância.

Qualquer inventor, mesmo gênio, é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele. Eis por que percebemos uma coerência rigorosa no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. (L. S. Vigotski, Imaginação e criação na infância, 2009, p.42)

Este capítulo desenvolverá as ideias de Vigotski sobre a imaginação e criação na infância, trazendo uma reflexão teórica sobre esses processos, priorizando a teoria histórico-cultural, pois se entende que a atividade imaginativa e criadora está ligada ao contexto histórico, familiar e à riqueza de experiências vivenciadas pela criança.

Podemos dizer, que pelo senso comum, o processo criativo está associado como um fenômeno mágico e misterioso, que acontece no homem independentemente das circunstâncias e do meio no qual ele está inserido. Mas, falar de criação não é algo muito fácil, mesmo estando no ramo da ciência, da arte e em outras diversas áreas das atividades humanas. Não há uma definição única desse termo, principalmente quando se trata da criança e da infância. Ela pode ser a formação de um produto novo, uma ideia original, uma invenção nunca vista, uma novidade que tenha algum valor e que se dá numa interação entre elementos relativos à pessoa, como características cognitivas e de personalidade, e aos aspectos ambientais, como valores e normas culturais.

A cultura, os valores, a sociedade influenciam nesse processo. Mas, na infância, como se dá esse processo? Será que todas essas influências estão presentes? Como a criança é um ser social e, estará interagindo com outras, aprendendo costumes, valores, crenças, cultura, então estas influências irão acontecer. Na maioria dos estudos publicados sobre a criação infantil encontraremos sempre relações com o brincar, a imaginação, a fantasia, a linguagem (MOZZER; BORGES, 2008, p.3). Temos Freud (1908/1975) dizendo que na infância está os primeiros traços de atividade imaginativa e que quando a criança brinca cria-se um mundo próprio e reajusta os elementos de seu mundo de forma que atenda aos seus desejos. O brincar da criança é determinado pelo desejo de ser grande e adulto e esse desejo auxilia no

desenvolvimento, pois a criança está sempre brincando de adulto, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos.

Winnicott (1975) entende a criatividade como condição para uma vida saudável e uma forma com que o indivíduo se relaciona com a realidade externa, é o que da sentido a vida humana. O autor também fala que a criatividade na infância está presente desde bebê, quando ele prolonga um choro e até na defecação:

O impulso criativo é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente em qualquer pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele (WINNICOTT, 1975, p. 100).

Criação é aquilo que fazemos na vida de novo, todos são criativos, nascemos com esse potencial que vai desenvolvendo ao logo da vida. Começa a se desenvolver desde o nascer e nos segue até a velhice. O ato criativo é vida, é impulso de uma descoberta, é a imaginação trabalhando e, ao trabalhar na obra imaginada, tornando-a realidade, é o final de uma obra que poderá despertar outros impulsos criativos.

Vigotski (2009) fala sobre essa imaginação e essa criatividade que se transforma em realidade. Diz que a atividade criadora do homem é a que cria algo novo, tanto faz que seja um objeto do mundo externo ou uma construção mental ou do sentimento conhecida apenas pela pessoa em que se faz essa construção. E, nas crianças, para o autor, o potencial criativo é expresso nas brincadeiras, desde uma idade bastante precoce. Vejamos agora as principais ideias de Vigotski contida em sua obra *Imaginação e Criação na infância* e uma discussão sobre elas relacionadas a infância que conhecemos hoje, nas escolas e famílias, e como a questão da imaginação e da criação é tratada.

2.2 - Imaginação e Criação na infância, um estudo de Vigotski.

Vigotski foi um grande pensador sobre o desenvolvimento humano. Suas ideias influenciam várias áreas do conhecimento, principalmente a educação e psicologia. Imaginação e Criação na infância foi escrito em 1930 com base em palestra ministradas por ele para um público constituído por professores e pais. Suas ideias nesse livro estão relacionadas com as vivências do meio social com a pessoa e da pessoa com o meio social, a teoria Histórico-cultural.

Nesta obra de Vigotski (2009), é possível perceber sua valorização da imaginação como sendo uma atividade importantíssima da vida humana. Diferente de outras ideias e estudos sobre imaginação que a colocam como algo sem importância ou como um “divertimento ocioso da mente” (p.18), ele se refere a ela como sendo uma “função vital necessária” (idem) e de enorme complexidade.

Ele explica duas concepções distintas da imaginação. Uma concepção do cotidiano das pessoas ou senso comum, que entende por imaginação o irreal, e a segunda, uma concepção científica que a psicologia faz da imaginação como uma atividade criadora e construtiva do cérebro humano.

A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum resultado prático sério (VIGOTSKI, 2009, p.14)

A imaginação é base de toda a atividade criadora que é manifestada em todos os campos da vida cultural, todas as coisas feitas pelas mãos do homem, antes de existirem, passou pela imaginação. A atividade criadora, citada anteriormente, denominada pelo autor, é a criação de algo novo, podendo ser um objeto do mundo externo, da mente ou do sentido apenas conhecida pela pessoa (p.9). A criação existe por toda a parte em que o homem faz esse algo novo e tudo provém da imaginação, por isso ela é vital para a criação. O homem imagina, combina, modifica e cria o novo, mesmo que esse novo seja “pequeno” para a sociedade, como uma cadeira ou uma colher, ou se comparando com grandes gênios como

Albert Einstein que fez grandes descobertas que transformou a sociedade. Citando Ribeau, Vigotski (2009, p.14) afirma:

Qualquer invenção, grandiosa ou pequena, antes de firmar-se, de realizar-se de fato, manteve-se íntegra como uma construção erigida na mente, por meio de novas combinações ou correlações, apenas pela imaginação. [...] A grande maioria das invenções foi feita Sabe-se lá por quem. Conservaram-se apenas alguns poucos nomes dos grandes inventores. Aliás, a imaginação sempre permanece por si só, quer se manifeste numa pessoa ou coletivamente. Quem sabe quantas imaginações foram necessárias para que o arado, anteriormente um simples pedaço de pau com pontas calcinadas a fogo, se transformasse de um instrumento manual singelo no que é hoje, após uma série de modificações descritas em textos especializados? Do mesmo modo, a chama tênue do graveto de uma árvore resinosa, a grosseira tocha primitiva, leva-nos por uma longa série de invenções até a iluminação a gás e a elétrica. Podemos dizer que todos os objetos da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são imaginação cristalizada.

O produto da atividade criativa é sempre fruto de um agora, de um tempo atual na história, do contexto social em que a pessoa que cria está inserida, e das influências deste tempo e da cultura sobre a pessoa. Por isso, a criatividade e a imaginação devem ser possibilitadas desde a mais tenra idade, e quanto maior o número de experiências de uma pessoa, mais dados ela vai ter para desenvolver e auxiliar no processo criativo e na cristalização da imaginação.

A experiência de criação deve vim desde a mais tenra idade, na infância. O autor afirma que, quando uma criança se imagina montada num cavalo, brincando de bonecas, fazendo de conta que é mãe, transforma-se em bandido em uma brincadeira, em um marinheiro (p.16), está expressando um nível primário de exercício criativo.

É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que viram. Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. (VIGOTSKI, 2009, p.17)

A maior parte deste comportamento é imitativo, mas esses elementos de experiências anteriores não são sempre reproduzidos nas brincadeiras exatamente como eles aconteceram na realidade, existindo uma atividade criativa combinatória que constroem uma nova realidade e que, segundo Vigotski, estão relacionadas com a necessidade da criança. Assim, a brincadeira da criança não é uma mera reprodução, mas criação de uma nova realidade segundo as suas necessidades. A base da criação é o que a criança faz em suas brincadeiras. A

capacidade de construção de elementos, que no caso são as coisas que elas observam os adultos fazendo, combinando de novas maneiras e formas.

Com isso, o autor estabelece uma ligação entre imaginação e realidade. A partir de uma perspectiva científica e materialista, ele irá se contrapor a este tipo de pensamento, explicitando no seu texto que a imaginação está relacionada com a realidade, pois, extrai dela os elementos para a sua criação, assim como faz as crianças em suas brincadeiras. Para Vigotski (2009), a imaginação e realidade vinculam-se de quatro maneiras. Toda a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa. A acumulação da experiência é o primeiro momento de um processo de imaginação e criação. Quanto mais ricas forem as experiências pessoais, mais material a imaginação terá à sua disposição. Aí está o porquê da imaginação da criança ser mais pobre em comparação com a do adulto, elas tiveram menos experiência (p.22).

O segundo, é que a criação pressupõe um processo de elaboração e maturação biológica e social, pois a organização do material experienciado é um processo complexo. Ele ocupa um “tempo”, e está diretamente relacionado com a função conservadora do cérebro. A imaginação não funciona livremente nesse caso, ela é orientada pelas experiências de outrem. Quando alguém descreve um belo cenário, como uma praia, ela o faz por já ter estado lá. Depois eu o faço do mesmo modo, mas nunca estive, mas eu tenho em minha experiência de vida e de sociedade a imagem de como é uma areia, como é o vento, forte ou fraco, o som da água do mar, o por do sol o luar. Tudo isso eu vi alguma vez, de outras maneiras, mas a partir da experiência do outro e do que ele falou junto tudo que sei e formulo minha praia, mesmo nunca estando nela. “Assim, há uma dependência dupla e mútua entre imaginação e experiência. Se no primeiro caso a imaginação apoia-se na experiência, no segundo é a própria experiência que se apoia na imaginação” (2009, p.25).

A terceira forma dessa relação imaginação e realidade é de caráter emocional. No entender de Vigotski, toda emoção ou sentimento tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ela, do mesmo modo, as emoções podem eleger determinadas imagens, ideias, impressões, que sejam congruentes com o estado de ânimo que nos domina (2009, p.25), é o que os psicólogos denominam de “lei do signo emocional comum” (2009, p.26). Também os psicólogos têm alertado que todo sentimento possui além de uma manifestação externa, corpórea, uma expressão interna que se dá pela seleção de pensamentos, imagens e impressões. A este fato eles chamam de “lei da dupla expressão dos

sentimentos.” (2009, p.26). Vigotski exemplifica sobre essas emoções, contando um caso sobre a criança no escuro.

Entrando no quarto, ao entardecer, uma criança, ilusoriamente, percebe um vestido pendurado como se fosse alguém estranho ou um bandido que entrou na casa. A imagem do bandido, criada pela fantasia da criança, é irreal, mas o medo e o susto que vivencia são verdadeiros, são vivências reais para ela. Algo semelhante ocorre com qualquer construção fantasiosa. É essa lei psicológica que pode nos explicar por que as obras de arte, criadas pela fantasia de seus autores, exercem uma ação bastante forte em nós (2009, p.28).

Na fantasia ou imaginação a emoção sempre vai ser real, pois onde quer que a imaginação seja apresentada, externa ou interna, vai nos expressar emoção, sentimentos:

As paixões e os destinos dos heróis inventados, sua alegria e desgraça perturbam-nos, inquietam-nos e contagiam-nos, apesar de estarmos diante de acontecimentos inverídicos, de invenções da fantasia. Isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente. Muitas vezes, uma simples combinação de impressões externas – por exemplo, uma obra musical – provoca na pessoa que a houve um mundo inteiro e complexo de vivências e sentimentos. Essa ampliação e esse aprofundamento do sentimento, sua reconstrução criativa, formam a base psicológica da arte da música (idem).

E por último, a quarta forma, que é a “encarnação”, a fantasia cristalizada, em que a imaginação adquire realidade plena e concreta. É uma mistura das outras formas. O produto da fantasia revelando-se como algo completamente novo, inexistente no mundo real que, quando objetivado, passa a existir neste plano e a modificar as pessoas e outros objetos. Com uma força ativa, este produto é capaz de transformar a realidade, fechando o círculo do processo de criação humana: é o produto da criação propriamente dito que, para existir, teve de ser mediado pela fantasia e pelas emoções.

Vigotski (2009) também fala de mais um elemento, que é o mecanismo da imaginação criativa, a associação e a dissociação, habilidade de selecionar diferentes características de um todo complexo. A primeira, a criança percebe os fatos como um todo. Na segunda, é a fragmentação de um todo complexo em partes, fazendo comparações entre elas. Sobre a dissociação, o autor cita: “Saber destacar traços específicos de um todo complexo é, sem dúvida alguma, significativo para qualquer trabalho criativo humano com as impressões” (2009, p.36). A associação é “a união dos elementos dissociados e modificados” (p.37), podendo ocorrer em bases diferentes e assumir diversas formas, desde a união subjetiva de imagens até a cientificamente objetiva.

2.3 - Nas crianças

Vigotski (2009) discute o fato de estar bastante presente no senso comum a ideia de que a criança é mais imaginativa que o adulto, e ainda, que é na infância que a fantasia mais se desenvolve. Porém, este não é o ponto de vista científico, pois a experiência infantil é mais pobre do que a do adulto. Como já foi dito, a relação da criança com a sociedade é completamente nova, diferente da do adulto que já tem mais experiência de vida, por isso imagina tem uma imaginação mais madura, tendo, em tese, um processo criativo mais rico. Além de a criança ter menos experiência do que o adulto, ela perde na sua capacidade de fazer relações combinatórias deste material (sínteses combinatórias). Ela ainda está aprendendo as tradições, a cultura da sociedade e a necessidade de se adaptar, que é um importante mecanismo dos aspectos internos da imaginação e criação. No estado de necessidade o homem imagina, cria. Como diz Vigotski:

O primeiro desses fatores, como estabelece a análise psicológica, é sempre a necessidade do homem de se adaptar ao meio que o cerca. Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos. (2009, p.40)

Hoje nossas crianças não são desafiadas. As escolas no Brasil não propõem desafios, a necessidade de se adaptar ao meio que nos cerca, de criar. A imaginação a criança tem, pois em suas casas, com seus colegas e em sala de aula, com os professores, com a convivência com o outros, elas vão recebendo informações, experiências, mas o impulso criativo, o desafio que professores e pais poderiam colocar para desenvolver o pensamento da criança, não acontece.

No mundo da internet, de tecnologias avançadas, que atende todas as nossas necessidades, que nos mantém adaptados logo que nascemos, no lugar em que quase tudo já vem pronto, até nas escolas, onde só sentamos para receber conhecimento, não provoca nas crianças a necessidade de criar. Existem até cursos em escolas e faculdades para despertar a criatividade, que é criar o novo e que é algo que deveria ser despertado desde pequeno, como

diz Vigotski, pois parece que a escola e a sociedade reprimem esse impulso criativo, não sei se é por medo de que aconteça uma revolução e tudo saia do padrão ou é uma forma de controlar a população, mantendo uma única forma de pensamento no mundo todo. Parece que este século que as crianças estão nascendo não gera nenhuma necessidade, pois as facilidades que a tecnologia traz, suprime quase todas elas, nos adaptando facilmente na sociedade, de certa forma. Por isso, a base da criação que tinha que ter uma inadaptação, como diz o autor, da qual surge necessidade, anseios e desejos, vai se acabando.

A imaginação infantil seria, então, um primeiro nível de desenvolvimento no processo criativo. A criança pode até ter mais confiança nos produtos de sua imaginação ou, no sentido do senso comum, imaginar mais que os adultos. A criança acredita mais em seu processo criador e, o adulto acredita menos, pois está limitado pelos padrões da sociedade, mas, na criança, essa imaginação, esse processo de criação não é amadurecida, pois não passou pelas fases da vida, só se torna madura na fase adulta. No adulto, a imaginação criativa estaria mais próxima do pensamento abstrato e a razão passa a se misturar com a imaginação, adaptando-se às condições racionais. A criança acredita mais em seu processo criador e, o adulto, acredita menos, pois está limitado pelos padrões da sociedade.

Vigotski (2009) também diferencia a imaginação e criação da criança e do adolescente. A imaginação do adolescente seria o sucessor da brincadeira infantil. No entanto, a diferença básica entre os dois processos é que a fantasia na criança estaria mais ligada à realidade concreta, ou seja, a imaginação da criança diverge muito pouco da realidade. Já a imaginação no adolescente estaria mais ligada ao intelecto, sem desprezar as necessidades e emoções que também estão na base desta função. Mas, o adolescente já tem a capacidade de imaginar, criar e mudar criticamente a situação concreta em que se encontra.

Depois dessas diferenciações, o autor mostra em sua obra as atividades das crianças, utilizando todo o tempo à imaginação e criando, a cada brincadeira, o novo. O processo de criação ocorre nas brincadeiras, nos desenhos, no teatro, na criação literária. A brincadeira de faz de conta é um campo de liberdade da criança. Nela, a criança pode ser tudo que imaginar. Mas sua liberdade, segundo Vigotski, é ilusória, já que, ao se envolver numa situação de faz de conta, imitando a vida real, segue regras sociais das quais toma consciência ao brincar. Quando as crianças criam suas histórias, retiram os elementos das experiências reais vividas por elas anteriormente, mas não os reproduzem na íntegra, recombinaando esses elementos e produzindo algo novo. Para a criança, um cabo de vassoura torna-se um cavalo e com ele

galopa para outros mundos; pedrinhas viram comidinhas e com elas faz deliciosos e saborosos pratos; um pedaço de tecido a transforma em príncipe, princesa ou herói, conduzindo-a aos castelos, enfrentando monstros e dragões, andando em vales e lugares de outros tempos. Essa capacidade de compor e combinar o antigo com o novo é, para o autor, a base da atividade criadora do homem.

Podemos aqui perceber, que a atividade criadora parte da imaginação e que ela surge já na infância, passando por todas as fases do desenvolvimento humano, até o amadurecimento, na fase adulta. Mediante esse processo criativo por meio da imaginação o ser humano se supera. Novas construções e novos conhecimentos tornam-se possíveis. Dessa forma podemos dizer que a imaginação possibilita a expansão humana e social, sendo uma atividade essencial à sobrevivência e ao desenvolvimento humano, principalmente na infância.

Capítulo III: 3.1 - As descobertas mútuas, o imaginar e o criar em ação

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2009, p.14)

A imaginação é algo inacreditável, que nos faz sair do lugar, nos mover, é a base da criação humana. Usamos a imaginação sem perceber. A imaginação é o novo, é olhar para dentro de você para criar, montar, desvendar através de caminhos novos ou pegar os caminhos já existentes e modificá-los para levar para outro lugar, o lugar que em sua cabeça existe e que você quer mostrar para outros. Manifesta-se como citado no último capítulo e acima por Vigotski (2009), em todos os campos de nossa vida cultural e tudo que nos cerca, todo o mundo da cultura, que foi feito pelo homem, é baseado no produto da imaginação e da criação humana.

Dentro da cultura está a música, um dos mais antigos meios de comunicação e criação do homem. A música também é um processo de criação e imaginação do ser humano, algo artístico, técnico e científico, onde o homem se expressa, passando sua história, emoção e o que se passa em sua mente. Esse terceiro capítulo consiste em alguns relatos com atividades musicais realizadas na Casa Ismael, um lar de crianças onde funciona uma creches, berçários e escola de educação infantil. Mostrará experiência dessa criação e imaginação humana que começa desde criança, que pode começar dentro de uma sala de aula com atividades musicais e, também, que a educação musical é importante em uma escola e que é possível ser realizado por um professor que não é um músico e que não tem formação na área musical.

O método utilizado na pesquisa foi a pesquisa-ação. Com esse método escolhido era possível pesquisar e ao mesmo tempo participar como um membro do grupo pesquisado, em suas ações e mudanças. Na pesquisa-ação, o participante produz o próprio conhecimento e se torna sujeito dessa produção. Thiollent (1996) define esse método como um tipo de pesquisa

social concebida e realizada em estreita associação com uma ação, resolução de um problema coletivo, em que os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. É uma modalidade de intervenção coletiva, que associa atores e pesquisadores em procedimentos conjuntos de ação com vista a melhorar uma situação precisa.

A escolha dessa modalidade de pesquisa me ajudou a procurar respostas e a realizar essas atividades, pois, como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

As atividades foram feitas em um estágio supervisionado da Universidade de Brasília no curso de Pedagogia, orientada pela Professora doutora Patrícia Pederiva e pela coordenadora da Creche, Professora Fátima. Os encontros ocorreram na parte da manhã na segunda-feira e na quinta-feira e na parte da tarde na terça-feira e na quarta-feira, com duração de 3 horas. Foram 2 meses de atividades. As aulas ocorreram em três turmas, uma do primeiro período e duas do segundo período, com crianças de 4 a 6 anos de idade. Algumas atividades foram realizadas também com turmas do maternal na faixa etária de 3 a 4 anos. Na parte da tarde, todas as turmas ficavam juntas para realizar as atividades em um pátio. As professoras participavam das atividades, porém só as da parte da tarde, algumas vezes. Este projeto visa trabalhar com as crianças o desenvolvimento de uma percepção musical que já está dentro delas e a ajudar os professores da Casa Ismael a trabalharem o ensino da música de uma forma divertida, com as canções dentro da escola e das salas de aula e tudo isso em um círculo feito dentro da sala ou uma roda, de onde surgiu o nome do projeto “A roda de Música, aprendendo com as canções”. Nessa forma de trabalho, elas puderam aprender uma com as outras, compartilhando o conhecimento musical. Percebe-se que a música está presente em todo contexto da escola, nos alunos e professores, mas não é trabalhada de uma forma de socialização de conhecimento, de partilha para a educação escolar. Para isso, foi feito um trabalho com o que a escola já oferece e com o saber musical que cada criança e professores adquiriram em suas vidas e socializar, transformando em conhecimento e formar a área pessoal, social e cultural através do ensino da música.

As aulas foram feitas com um violão e com instrumentos de percussão, como a meia-lua e o bongô. Foram ensinadas as notas musicais, grave e agudo, alturas do som, noção de

tempo musical, os estilos musicais e foi mostrado o som dos instrumentos como o violino, baixo, bateria e outros. Também foram feitos jogos musicais e ouvidas algumas histórias cantadas, sempre com a presença do violão.

Neste presente relatório estarão expressos os acontecimentos durante o estágio e as experiências adquiridas durante todo este tempo, tanto minha como as das crianças e professoras. A música transforma, modifica o viver e a convivência, faz sorrir e nos leva a conhecer a nós e aos outros. A música e a criança quando se encontram surge um mundo de possibilidades, imaginação e criação.

3.2 - Atividades Musicais: O início das descobertas

Serão expostos aqui alguns relatos das experiências ocorridas na Casa Ismael. Não estão contidos todos os dias do estágio e sim alguns que nos chamaram muita atenção em relação as experiências musicais com as crianças e seus processos de imaginação e criação. Foram muitas surpresas e pensamentos construtivos durante esse tempo.

Em dois meses foram desenvolvidas diversas atividades com as crianças. O primeiro dia foi para a observação das turmas. A coordenadora pediu para que observasse e conhecesse as turmas. Foi uma surpresa. Ao entrar no local onde ficam as salas de aula, vários alunos gritaram meu nome, pois no ano anterior tinha feito um trabalho parecido com eles. É incrível a memória das crianças. Elas ficaram felizes com a minha presença e com o que iria fazer, disseram para elas que eram atividades de música. Mas, nesse dia, estavam desenvolvendo outra atividade com a professora que era de conhecer a natureza e pegar insetos pra montar um insetário. Ajudei a professora e as crianças na observação e na coleta de insetos. Isso foi feito na turma do primeiro período. Logo após do tempo que fiquei com a turma, que foi de 40 minutos, fui à outra turma o segundo período B, nesse dia passei na outra turma de segundo período, mas estavam em uma atividade importante e só me apresentei e falei que iria ficar com eles durante um tempo para realizarmos atividades musicais.

No Segundo período B as crianças me receberam com abraços a pulos. Estava com meu violão e elas já queriam que eu o tirasse pra tocar uma música. Porém coloquei-as sentadas em círculo e comecei a conversar com elas. Apresentei-me e perguntei se alguém

sabia me dizer o que era música. Surgiram várias respostas. Falaram que era cantar, era tocar violão, alguns começaram a bater no chão, a dançar, a cantar e falaram que tudo isso era música. Fiquei surpreso e complementei a fala de cada um deles dizendo que a música é tudo que escutamos de uma forma organizada. Falei para eles baterem no chão. Todos baterem e começaram a fazer um ritmo só. Comecei a cantar. Todos riram e pararam de bater no chão. Todos formaram uma música. Organizamos um som e criamos música.

Logo após tirei o violão da capa e perguntei se sabiam o que era. Mostrei o som que o violão fazia e todos ficaram em silêncio, maravilhados com o som. Comecei a tocar uma música, mas fui interrompido por um menino que queria muito cantar. Ele cantou uma música religiosa, “Como Zaqueu, eu quero subir...”, esse era o início da canção que acompanhei no violão e toda a turma cantou junto. Incrível como a criança não tem vergonha de mostrar o que conhece com inocência e sem deixar os outros para trás, sempre envolvendo de uma forma natural todos em sua volta e podemos observar a experiência adquirida em algum lugar, onde será que elas aprenderam a canção? Todos cantaram do seu jeito essa canção e disse que aprenderam nas suas casas ou na igreja, com seus pais ou amigos. Vigotski (2009) fala que a criação começa nesse acúmulo de experiências, de saberes que a sociedade já tem. Com isso, o processo de criação vai sendo mais rico.

Depois das crianças cantarem, perguntei quais as músicas elas conheciam. Fiquei um pouco surpreso, pois imaginei que surgiriam músicas infantis, mas surgiram músicas sertanejas e funk. Esses conhecimentos de músicas estão relacionados ao meio em que vivem, pela mídia, pela cultura, pela convivência que as crianças tem em seu dia-a-dia, com as pessoas que escutam esses estilos de músicas. Perguntei se elas sabiam alguma música infantil, então cantaram “Alecrim dourado”. Mas pararam e continuaram outra música “Amar não é pecado”, do Luan Santana. Muito intrigante como a mídia mexe com todos, principalmente com a criança, pois essa canção estava sendo tocada em todas as rádios, nas novelas e em sons automotivos, e elas podem ter aprendido, essa canção, nesses meios.

Aproveitei dos conhecimentos que as crianças estavam compartilhando e comecei a desenvolver outras atividades, já que essa era para conhecer as experiências musicais adquiridas nas interações que tinham nos meios sociais. Também havia canções que eram ensinadas dentro de sala de aula com intuito de controlar a sala, para pedir silêncio, fazer fila para ir ao banheiro ou tomar água e para a hora do lanche.

Logo após, nessa mesma turma, comecei a cantar uma música onde eles dançavam. Com o comando de “colocar as mãos para cima” “dá uma sacudida” “e se mexendo”, tudo em um ritmo musical, só com o violão. A diversão era garantida. Depois que acabou, falei para turma que tudo isso que fizemos é música. Então, foi iniciado com sucesso e muita diversão essa atividade musical na escola. No outro dia estaria na escola na parte da tarde para mais uma atividade. Na hora da saída, as crianças ficaram falando para eu não ir, para cantar mais, para eles dançarem. Recebi muitos abraços. Foi um dia de experiência enriquecedora e muito aprendizado. E comecei a perceber o que Vigotski (2009) dizia, que é nas interações com outros que as experiências e aprendizados são adquiridos e quanto maior o arcabouço, maior é o processo de imaginar e criar.

No dia seguinte, no período da tarde, cheguei à Casa Ismael. As crianças ainda estavam dormindo. Fiquei na espera delas acordarem. Depois de algum tempo, todas estavam do lado de fora com um rosto de quem ainda queria dormir. Entrei no pátio onde estavam as três turmas que iriam iniciar as atividades. Uma das professoras perguntou se eu não preferia fazer as atividades com todas as crianças no pátio, pois agora seria a hora de arrumar as salas, a hora do lanche e a hora do banho. Falei que poderia e que essa quantidade de atividades que elas teriam que fazer iria atrapalhar o andamento das demais atividades. Mas concordei.

Foi então que, depois do lanche, elas se sentaram na forma de círculo no pátio da escola. Estavam todas as três turmas juntas. Iniciou-se uma conversa e bagunça. Chamei a atenção delas e, quando tirei o violão da capa, todas ficaram em silêncio. Incrível como a criança é curiosa! Perguntei para elas o que era que eu estava segurando e só a turma que eu tinha estado no dia anterior respondeu. Não sei se é porque elas nunca tinham visto um violão ou estavam com vergonha de responder. As outras crianças ficaram maravilhadas com o instrumento. Quando comecei a tocar, elas começaram a rir. Fiz algumas brincadeiras, como virar o violão e começar a bater e dançar. Pronto! Consegui atenção de mais de trinta crianças! E foi então que comecei a falar da música. A música é tudo que ouvimos! O som que os pássaros emitem é uma música. Quando vocês batem no chão e começa a organizar esses sons, se tornam uma música, até quando eles estão de uma forma “desorganizada”, para alguns, também é música. Todas as crianças prestavam atenção nas falas, até as professoras.

Peguei o violão e comecei a tocar. Perguntei a elas, “Quais músicas vocês sabem?”, novamente começaram a cantar os sertanejos. Todas as crianças da roda começaram a cantar e eu estava acompanhando no violão.

Comecei a mostrar para elas como a música tem seu andamento com harmonia, sons, ritmos e os sentimentos que elas transmitem. Toquei a música mais rápida e depois devagar e mostrei para elas que isso era a velocidade da música. Geralmente as músicas românticas, músicas de amor, são mais lentas. Comecei a dançar. Depois toquei bem rápido e falei que as músicas mais rápidas geralmente são para “balançar o esqueleto” e comecei a dançar. Tudo feito dentro da roda, onde as crianças pudessem me ver e ter contato também com as outras para termos uma Roda Musical dinâmica, com trocas de experiências e aprendizados. A música é dinamismo, é movimento é comunicação. Uma atividade musical tem que ter tudo isso e não só ficar em uma cadeira e vendo um professor escrevendo em um quadro falando sobre música e ensinando partituras, ritmos e velocidades para uma criança de 5 anos. A música é pra ser sentida, experimentada, vivenciada e, nesse dia, senti isso e vi que as crianças fizeram de uma forma tão natural! Elas cantam, brincam com a música, com o ritmo. Sem limitação da imaginação e criação.

Nessas atividades não coloquei limites de espaços, se a música foi imaginada e criada ali por algumas crianças, ela irão continuar, se elas começarem a dançar, elas continuarão a dançar. Elas estão livres para criar e foi isso que aconteceu cada vez que formamos essa roda musical, quando é dado espaço para a imaginação e a criatividade nasce. É um processo que começa na infância e era para continuar até a fase adulta, no entanto, nessa fase impomos limites e não acreditamos em nosso potencial. Se não tivermos essas brincadeiras e atividades que deixam as crianças “livres”, seu processo de criação poderá ser coibido, pois não terá momentos para soltar a imaginação e criar, pois a sociedade, como dito no último capítulo, está formando robôs, pessoas acríticas, que são incapazes de sonhar, imaginar, criar, pois tudo já está vindo pronto, ideias, objetos e está sendo depositado na cabeça de nossas crianças e quando elas escapam disso, é porque estão fora da sociedade, uma sociedade alienada, que não desperta mais a imaginação de nossas crianças que, como vimos, é importante para a formação do processo criativo.

Depois de mostrar a velocidade e ritmos de uma música, falei dos sentimentos que a música transmite. Tem música que nos provoca o choro, tristeza, saudade, alegria que nos agita nos faz cansar e correr. Cada vez que eu falava um sentimento, mostrava no violão um ritmo ou alguma canção que relatava o mesmo e ainda fazia a expressão no rosto de cada sentimento, para eles verem, escutarem e sentirem. Foi incrível, pois eles faziam juntos cada expressão e cada um ainda sugeria novas canções. Durante as atividades, algumas crianças se ausentavam para tomar banho e logo voltavam para a atividade.

Nesse mesmo dia eles pediram para contar uma história, a da Chapeuzinho Vermelho, então aproveitei e contei de uma forma diferente, tocando violão e acrescentando alguns personagens, só que no final a chapeuzinho consegue transformar o lobo mal no lobo bom e todos viveram felizes, sem mortes. A história foi toda musicada, com os passos de pessoas feitos no violão, o uivo do lobo e improvisos de canções que ensinavam as crianças a cantarem, colocando-as nas histórias. Foram elas que ajudaram a Chapeuzinho a transformar o lobo mal em um lobo do bom e deixaram ir embora, para a floresta. Foi uma história muito legal. Feito em conjunto com as crianças e nela ainda coloquei em prática o que eu tinha mostrado no início, sobre velocidade, ritmos e sentimentos. Percebi que modifiquei o que eles já tinham de conhecimento sobre a história da Chapeuzinho Vermelho e elas mesmas criaram outras histórias. A imaginação nesse momento da história foi grande, dando espaço para a criação, na brincadeira de contar uma história diferente da que elas conhecem e de um modo diferente, cantando e dançando.

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade (VIGOTSKI 2009, p.17).

3.3 - O Dó, Ré, Mi criativo

Nesse dia a atividade também foi na parte da tarde. A organização foi do mesmo jeito do outro dia. Esperei as crianças acordarem e lancharem. As acompanhei na hora do lanche, para conhecer melhor e me enturmar, sendo um professor mais presente, pois apareci poucos dias no meio delas. Foi muito bom, pude chamar atenção pelo nome e ter mais contato para conhecer suas histórias de vida e saber como ensinar melhor.

Depois de terminarem o lanche, as professoras levaram as crianças para fazerem a roda musical para iniciar as atividades. Entrei na roda e fiquei no meio dela, com o violão que eles sempre estão curiosos para saber como é que funciona. Tirei da capa e desejei uma boa tarde e logo perguntei se eles lembravam meu nome, “Tio Thiago”, responderam alegres. Perguntei se lembravam do que foi passado na última vez que nos encontramos e uma menina de cabelos loiros e olhos claros da turma do Segundo período B respondeu, “sobre rápido e

devagar” e outra criança respondeu logo depois, “que a música é tudo e é sentimento, alegre, triste, chorar”. Depois todos começaram a conversar entre eles. Toquei o violão para que olhassem para mim. E parabeneizei a todos. Falaram sobre a historinha da Chapeuzinho Vermelho e que gostaram muito e que queriam escutar outra historinha. Prometi que contaria no final.

Foi então que iniciei um novo assunto, sobre notas musicais. Perguntei se alguém sabia o que eram as notas musicais. Não me responderam. As respostas que eu tive quando perguntei pela segunda vez foi a mesma do que quando perguntei o que era música. Então mostrei para eles o que eram as notas musicais com o som do violão: Dó – Ré – Mi – Fá – Sol – Lá – Si – Dó. Cantando e fazendo no violão. E falei para eles repetirem comigo. Todos repetiram bem baixinho. Então ensinei as três primeiras o Dó – Ré – Mi, cantei no violão e iniciei uma canção. Todos cantaram. Cantei mais umas três vezes e depois os deixei sozinhos. O Primeiro período e o Segundo período A e B cantaram juntos. Disse que as notas musicais estão presentes em todas as músicas de formas variáveis e cantei a música do Luan Santana que eles tanto gostam e falei que nela está presente estas notas.

Mostrei para eles que junto disso tinha o Grave o Agudo, o Forte e o Fraco. Dobrei os meus braços como se fosse um halterofilista e fiz uma cara de pessoa forte e cantei as notas que apresentei em um tom mais grave e depois mostrei e cantei com uma voz mais fina, o agudo. Tentei diferenciar grave e agudo. Dentro da roda, perguntei para as crianças como se fazia os graves e os agudos. Todas conseguiram fazer, ainda com algumas dificuldades, pois se confundiam, mas se divertiam e aprendiam. Cantei junto com elas canções de uma forma Grave e Aguda. Alegraram-se muito, pois as vozes mudavam, principalmente quando era no agudo. Depois falei que a intensidade da música pode ser alta e baixa. Quanto mais volume na voz, mais alta a canção, quanto mais baixa, menor será o volume da canção, simples, mas eles se divertiram cantando as notas musicais em um tom mais alto e grave e depois com agudo, em um volume mais baixo. Sorriam muito com as criações das vozes que faziam por causa das variações de grave e agudo.

Cantamos varias canções para ver se aprenderam. Sempre o sertanejo era cantado. Improvisei algumas canções. Mas sempre queriam cantar o sertanejo universitário, que eles tem mais contato. O tempo tinha se esgotado e não contei a história para eles e prometi que contaria no outro dia. Despedi-me e recebi, como sempre, vários abraços.

3.4 - Um dia

Foi mais um dia na Casa Ismael e percebi que tem como aprender teoria na prática e brincando. A criança é um baú de criatividade. As atividades ficaram interessantes porque elas que faziam ficar dessa maneira. Eu aproveitava o que elas conheciam para entrar com algumas atividades musicais sem tornar aquilo uma obrigação. Tinha crianças que saiam da roda, que queriam brincar de outras coisas, no parque que tinha por perto, mas quando elas viam as outras crianças brincando e aprendendo na roda, voltavam. Algumas professoras as obrigavam a ficarem na roda para manter a ordem.

Esse encontro foi feito pela manhã nas salas. Fiquei 40 minutos em cada turma e continuei as atividades sobre as notas musicais. Peguei meu violão como em todos os encontros e comecei a tocar e cantar para chamar atenção. Revisei as notas musicais. As crianças de todas as turmas que entrei cantavam e sabiam o nome de cada nota musical. Elas não se esquecem. Uma menina disse que parecia o a, e, i, o, u. Falei que parecia, mas esse era o da música. Fiz alguns jogos musicais com elas. Cantei uma música que proporcionava a movimentação do corpo. Fiz isso em todos os encontros, pois parecia que necessitavam. Eles cantavam comigo e improvisavam músicas. Uma das crianças improvisou dessa maneira: “Dó, Ré, Mi, Dó, Ré, Mi, porque bebi, porque bebi”. Podemos perceber que a palavra “bebi” vem das músicas sertanejas e as notas musicais foram as que passei para eles nos últimos encontros. A criança, durante as interações, criou essa canção e percebi então a teoria de Vigotski na prática. Iniciou esse processo na sua casa, interagindo com as pessoas de sua convivência, durante os encontros, interagindo com outras crianças, professores e outras pessoas, e sua imaginação veio e houve essa criação, pelas experiências que ela viveu. Incrível! Nesse momento, vi as pesquisas que fiz sobre esse processo de criação infantil se realizando em minha frente. Esse foi o final de mais um encontro.

3.5 - A novidade

Tinha prometido no dia anterior que iria trazer outros instrumentos para eles tocarem, como estava no planejamento. Levei um bongô e uma meia lua. Foi uma experiência mágica. Fizemos a roda com quase todas as salas da escola juntas e passei os instrumentos para que pudessem tocar e fazer som do jeito que sabiam e queriam. Como são criativas, mesmo com pouca vivência, várias maneiras de se tocar os instrumentos foram criadas. Com o nariz, a cabeça, jogando no chão... Algumas maneiras eram repetidas, por causa dessa interação, pois também aprendemos com o próximo.

O que mais me encantou nessa experiência foram os sorrisos, a alegria de ver as crianças experimentando, conhecendo, vivendo, se respeitando, ensinando, brincando, usando a imaginação, criando. As escolas de hoje não tem mais estas experiências, elas ficam, na maioria das instituições que conheço e estudei, só em sala de aula, empurrando conteúdo e mais conteúdo. Não quis fazer isso. Queria que elas vivessem a música, sentissem emoção, se conhecer e conhecer o outro e conhecer o que é a música, criar. E nesse dia, vi que valia a pena lutar por uma educação musical diferente, não só musical, mas uma educação diferente, onde possa ser despertada a criatividade do ser, onde se possa proporcionar experiências com o outro, onde se possa gerar interação com o ser do outro e sua história. Isso seria um aprendizado diferente, mas somos repreendidos e taxados como “loucos revolucionários”, pois não seguimos os padrões capitalistas de uma sociedade reprodutora que joga conhecimento, acabando com a criatividade, os sonhos e moldando pessoas que fazem e reproduzem o que a sociedade ensina na escola, transformando-as em marionetes.

Esse dia foi muito bom, pois houve muitas possibilidades de criação e interação. A curiosidade diante o instrumento fez com que todas as crianças ficassem bem comportadas. Antes de tocarem os instrumentos, mostrei o som que eles faziam. O rosto de cada criança e seus olhos eram de uma atenção grande. Muitos pareciam não querer escutar o que eu estava falando, só queriam tocar e sentir o instrumento.

Para finalizar, pedi para que algumas crianças tocassem os instrumentos e que fizéssemos brincadeiras, danças, eles estavam livres. Foi uma diversão! Entrei nas brincadeiras e vi o que passei nos encontros acontecendo de modo livre, sem pressão ou provas para tomar conhecimento.

3.6 - A Composição e os Ritmos

Nesse dia conversamos sobre o que era composição. Não ficamos nos pátio, passei em cada turma para realizar as atividades.

Ao chegar às salas, perguntei para eles se sabiam o que era composição de uma música. Algumas crianças falaram que era música. Não estavam erradas. Mas, de uma forma simples, falei que era a letra da música misturada com os instrumentos, as vozes, os sons que expressavam sentimentos. Comecei a improvisar uma letra com um ritmo. E disse que isso era uma composição. A composição tem sentimento, emoção. Comecei a me expressar sobre os sentimentos e a cantar de forma triste, alegre, com raiva. Foram sorrisos para todos os lados.

Logo após, conversei sobre os diversos ritmos musicais, Rock, Sertanejo entre outros. E nesse encontro levei um *tablet* em que havia um aplicativo com diversos instrumentos. Tocava o instrumento no aplicativo e mostrava para eles qual era. Fiz assim com os diversos instrumentos que tinha no aplicativo e perguntava com qual ritmo se parecia. A guitarra era o Rock, a bateria o Samba e também o Rock. Os ritmos estavam tão presente na cultura de cada um, que foram eles que fizeram essa associação ao Rock e Samba com os instrumentos tocados no aparelho. Muito do conhecimento que eles acumulam que, vale lembrar, auxilia e muito, no processo criativo, segundo Vigotski (2009), começando na imaginação, que vai para a realidade, tornando-se criação.

Depois dessa experiência, fomos dançar os ritmos. Toquei forró, sertanejo e outros e perguntei como é que eles iriam dançar cada ritmo. Foi muito bom, pois quando chegou a um ritmo um pouco desconhecido, como o Reggae, usavam sua imaginação para criar suas próprias danças. Na hora do Rock, surgiram várias danças. Todas parecidas com o sertanejo, só que modificado, todas com o toque especial da criança. Como cita o autor sobre essa imaginação que:

[...] é orientada pela experiência de outrem, atuando como se fosse por ele guiada, que se alcança tal resultado, ou seja, o produto da imaginação coincide com a realidade. Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal [...] (VIGOTSKI, 2009, p.25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder que a imaginação de uma criança tem é de surpreender. Ela imagina e na hora cria e se vê naquele mundo e leva outros nessa criação. Foi o que presenciei e senti nesse momento na sala de aula. Na sociedade se dança Rock de uma forma mas, dentro da sala, era de várias.

Nós professores devemos educar as crianças para aprenderem a pensar livremente e serem sociáveis. Educar crianças com criatividade, com liberdade, com autonomia, emoções, amor. A atividade musical é uma forma de promover essa educação mas, hoje, ela tem um espaço pequeno dentro do espaço educativo escolarizado e é tratada como algo sem importância, que não vai trazer benefício, crescimento e aprendizado nenhum para a criança. É mais uma forma de recreação, de acalmar as crianças. Não! A atividade musical é algo muito mais do que isso e pode ser aproveitado em várias áreas da educação, “A atividade musical é característica da convivência humana em grupos e cria condições de possibilidade de promover identidade, coordenação, ação, cognição e expressão emocional, além da cooperação, coordenação e coesão” (PEDERIVA, 2009, p.48)

As atividades trouxeram a tona essas características descritas acima por Pederiva (2009). A experiência de vivenciar com a criação e a construção de potencial na atividade musical com essas crianças mostrou que ainda tem como transformar o modo como a educação é vista e que é possível ter uma educação musical, uma aula de música séria, com conteúdo, sem ter aquela rigurosidade de uma sala de aula. E isso é possível dentro da Educação Infantil e fora dela também como, por exemplo, com os jovens e adultos. Ainda há “salvação” para essa sociedade que cada vez visa o ter, o individualismo, o eu solitário, esquecendo-se da convivência humana, do calor de estar e ser com alguém, de ter uma identidade, de que cada um tem uma história e que pode partilhar ela com outros. E a Atividade Musical, a Educação Musical, a Educação, a música, pode ser um desses instrumentos de transformações e mudanças.

É preciso desescolarizar. Abrir as portas da escola e todos os espaços possíveis como espaços livres, de instrução, de união de comunidades afins, de autenticidade, para partilhar práticas e conhecimentos. É preciso desierarquizar, descurricularizar, despadronizar, praticar conhecendo e conhecer praticando, aqui e agora. (PEDERIVA, 2009, p.136).

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASTOS, M. H. C. Jardim de Crianças – o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). IN: MONARCHA, C. **Educação da infância brasileira 1875 – 1983**. Campinas: Autores Associados, 2001.

DIDONET, V. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n.73. Brasília, 2001. p.11-28.

Freud, S. (1976). Escritores criativos e devaneio. Em J. Strachey (Org.), **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. 9, pp. 149-162). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908).

KULHMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediações, 2001.

_____. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX início do século XX. In MONARCHA, C. **Educação da infância brasileira 1875 – 1983**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

_____. Educação Infantil e Currículo. In FARIA, A.L.G, PALHARES, M. S. **Educação infantil pós LDB: rumos e desafios**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

NASCIMENTO, T. N; BRANCHER, R.V; OLIVEIRA, V.F. **A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas**. Disponível em: < www.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf> Acesso em: 04 jan. 2013.

PASCHOAL, J. D; MACHADO, M. C. G. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. *Revista HISTEDBR on-*

line, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>
Acesso em: 04 jan. 2013.

PEDERIVA, P.. **A atividade musical e a consciência da particularidade**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, 2009, 205 páginas.

PRESTES, Z. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, Rio de Janeiro, n.11, p. 23-36, jun. 2008*. Disponível em <<http://www.ltds.ufrj.br/gis>> Acesso em: 05 dez. 2012.

SANTOS, I. S. F; PRESTES, R. I; VALE, A. M. Brasil. 1930 – 1961: **Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada**. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006*. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br> Acesso em: 10 jan. 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1996, p.14

VIGOTSKI, LEV S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1975). **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed. LTDA, 1975.